

CORPO



**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Terapia Ocupacional**

Devir corpo

Leticia Ambrosio

**Orientadora:
Carla Regina Silva**

São Carlos / 2017

“Na previsão de que em breve terei de surgir perante a humanidade com a mais difícil exigência que se lhe fez, parece-me indispensável dizer quem eu sou.” (NIETZSCHE, prefácio do livro Ecce Homo).

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
<i>MERGULHANDO PROFUNDAMENTE</i>	10
CAPÍTULO 2	
<i>QUEM EU SOU?</i>	19
CAPÍTULO 3	
<i>UM JOGO DIFÍCIL</i>	29
CAPÍTULO 4	
<i>DEPOIMENTO DE ALICE</i>	38
CAPÍTULO 5	
<i>ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ALICE ENCONTRO POR LÁ</i>	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

Índice de Imagens



"Abismo"

Giz de cera em papel sulfite.

p. 12



"Identidade transviada"

Caneta hidrográfica em papel sulfite

p.18



"Todos eu"

Aquarela em cartolina

p. 21



"Os 4 elementos, mulher"

Lápis colorido em papel sulfite

p. 28



"Alvo"

Grafite em papel sulfite

p. 31



“Devir vida”
Aquarela em cartolina

p. 37



“Flor azul”
Fotografia – Aquarela em pele

p. 49



“Devir dançante”
Caneta esferográfica em folha pautada

p. 50



“Corpo”
Caneta esferográfica em folha pautada com edição digital.

p. 51



“Amor”
Caneta esferográfica em folha pautada com edição digital.

p. 52



“Descoberta”
Grafite em papel sulfite

p.53



“Transcendente”
Giz pastel em cartolina

p. 54



“Ondas de ressonância”
Fotografia – Maquiagem em pele

p. 55

Agradecimentos

Foram tantos encontros e tantos devires que não caberia em uma página agradecer a todas as pessoas que potencializaram meus devires todos. Primeiramente, gostaria de agradecer meus pais e minha irmã que me acompanharam todos os dias da minha vida até aqui, tornando várias coisas possíveis: obrigada!

À minha orientadora, professora e amiga, pelos trabalhos com amor que compartilhamos, pelos momentos de celebração que dividimos, e acima de tudo, pela amizade: gratidão.

Às minhas colegas de turma que tornaram-se terapeutas ocupacionais junto comigo, com um carinho e agradecimento especial para as minhas amigas: Lurian, Paula e Vitória.

À todas as mulheres que tornaram os caminhos mais fáceis e mais potentes: Carol, Paulinha, Dandara, Isadora, Marina, Pâmela, Ekena e Clau.

À todas as minhas professoras, com carinho especial à Sabrina, que me apresentou a esquizonálise, foi co-orientadora em vários momentos, e amiga. E à Adriana, minha querida mestra em dançaterapia.

À todas e todos que eu encontrei e que partilharam comigo um ou outro devir.

Apresentação

Este texto que se apresenta como Trabalho de Conclusão de Curso pretende reunir em sua composição um conhecimento incorporado ao longo de cinco anos enquanto cursava a graduação em Terapia Ocupacional, na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

Durante esses anos, me debrucei sob três referenciais teóricos fora da Terapia Ocupacional para tentar entender o corpo humano - Nietzsche, Merleau-Ponty e Deleuze-, que serão meus interlocutores quase todo o tempo, como foram nos últimos cinco anos, bem como outros interlocutores terapeutas ocupacionais que me serviram de inspiração - Marcus Vinícius Machado de Almeida, Flávia Liberman, Elizabeth M. F. A. Lima, Eliane Dias Castro, Mariângela Quarentei, entre outras pessoas.

Os escritos de Lewis Carroll sobre Alice e o País das Maravilhas farão parte desta composição, pois, por experiências vividas por meu próprio corpo, encontrei em Alice milhares de intensidades, pulsações e identidades que por hora cabem em mim e me serve como representação artística dessas experiências.

Ao longo do texto serão apresentados desenhos, pinturas e fotografias que, assim como o conto da Alice, me servem como representação artística, mas além disso, me servem como uma representação mais próxima da realidade das experiências do meu corpo.

Afinal, um livro sem ilustrações não é um livro, Alice.

Capítulo 1

Mergulhando profundamente

... quando viu o Coelho tirar um relógio do bolso do colete e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou num pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda a pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca.

No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois.

Por um trecho, a toca de coelho seguia na horizontal, como um túnel, depois se afundava de repente, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando num poço muito fundo.

Ou o poço era muito fundo, ou ela caía muito devagar, porque enquanto caía teve tempo de sobra para olhar à sua volta e imaginar o que iria acontecer em seguida.¹ (p. 13-14).

¹ Trecho retirado do livro *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009. Ao longo do livro apareceram outros trechos do conto de Alice que foram retirados do mesmo livro.



Inicialmente, farei uma breve apresentação de um percurso histórico de uma perspectiva ocidental e anglo-saxã sobre o conceito de corpo. Esse percurso auxiliará o leitor a compreender pontos de vista diferentes sobre o corpo humano, em diferentes épocas, e isto servirá de base para as discussões que serão propostas posteriormente para se pensar o corpo e a corporeidade nos dias atuais e, mais especificamente, na Terapia Ocupacional.

Há milhares de anos o corpo é estudado por diversas áreas do conhecimento. Na Grécia Antiga os estudos sobre o corpo humano podem ser compreendidos a partir de duas perspectivas: uma iniciada por Sócrates que pensava o corpo como unidade e acreditava em um desenvolvimento integral do corpo e do ser humano; e outra, iniciada por Platão, que em sua ideologia desprezou o corpo mundano e sacralizou a alma, atribuindo o pecado ao corpo e a transcendência à alma (GUERRA NETO, 2002; CASSIMIRO *et al*, 2012).

Platão e, posteriormente, Aristóteles, pensaram o ser humano partindo de um ideal transcendente, espiritual e eterno, que desconsiderava a natureza material e finita da vida mundana (GONÇALVEZ, 2009). Na compreensão deles, a corporeidade era nada além da união entre o corpo e alma na qual o corpo estaria, impreterivelmente, submetido às ordens e vontades da alma (GONÇALVEZ, 2009). Por este motivo, Platão acreditava que o corpo era um local de aprisionamento da alma, isto é, da eternidade humana espiritualizada, e que a vida terrestre era um obstáculo pelo qual as pessoas precisavam passar para encontrar as verdades e a perfeição da alma e, assim, transcender (ORLANDI, 2004; GONÇALVEZ, 2009).

Ora, a alma pensa melhor quando não tem nada disso a perturbá-la, nem a vista nem o ouvido, nem dor nem prazer de espécie alguma, e concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por apreender a verdade. (...) Esforçar-se por apreender a realidade de cada coisa em sua maior pureza, apartado, quanto possível, da vista e do ouvido, e, por assim dizer, de todo o corpo, por ser o corpo fator de perturbação para a alma e impedi-la de alcançar a verdade e o pensamento (PLATÃO, s/d, p. 11).

Para Platão, as doenças, as paixões, os medos e os sofrimentos do corpo eram justificáveis, uma vez que, só através desses castigos mundanos, o indivíduo atingiria pleno desenvolvimento da alma, e estaria capacitado para abandonar o corpo material e aproveitar da vida eterna espiritual (GUERRA NETO, 2002; ORLANDI, 2004). Para esses autores “na constituição da natureza humana, a alma está presente como a forma, e o corpo como a matéria. A alma é a forma do corpo, a causa final de sua conformação orgânica e o princípio do seu movimento, constituindo-se em sua força diretriz e motora” (GONÇALVEZ, 2009, p. 43).

Sócrates, por sua vez, apresentava uma exaltação e valorização do corpo humano, muito influenciado pelo período de ascensão do Império Grego, comparando os corpos humanos aos corpos dos deuses olímpicos (GUERRA NETO, 2002). Para os gregos, neste período, o corpo era o local para a busca do prazer, das paixões e das vitórias, e eles acreditavam que através do culto ao corpo eles seriam levados até o Olimpo (SENNETT, 2008). A nudez, inclusive, era um hábito grego e “a Grécia civilizada fez do seu corpo exposto um objeto de admiração” (SENNETT, 2008, p. 30).

Durante a Idade Média, quando a filosofia grega foi subvertida ao cristianismo, a valorização da criação divina torna-se um dogma, e as pessoas passam a ter a vida sob as regras definidas por Deus (GONÇALVEZ, 2009). Esse pensamento fez com que as ideias de Platão tornassem-se hegemônicas nos estudos sobre o corpo, e as ideias de Sócrates ficaram esquecidas. Neste momento, o corpo estava submetido à alma, e esta às vontades de Deus e da Igreja (GONÇALVEZ, 2009).

Tudo que era corpóreo, material e nu, foi menosprezado pelo cristianismo e condenado como pecado, e o corpo seria capaz de transfigurar-se na morte e transcender pela alma em um plano espiritual sem esses pecados (GONÇALVEZ, 2009). Compreendia-se que o corpo carregava a culpa, e por isso, a automutilação e a autoflagelação eram incentivadas pela Igreja Católica como a busca pelo perdão de Deus, afim de obter a salvação da alma (GÉLIS, 2012). Cristo é a prova corporificada da salvação divina de Deus (GÉLIS, 2012).

Nos séculos XV, XVI e XVII, que predominou o Humanismo Renascentista, houve uma reestruturação do pensamento filosófico e, a partir de uma contemplação da beleza e dos corpos considerados belos na época, estudiosos voltaram a celebrar o corpo humano, e o ser humano foi colocado novamente no centro do conhecimento (GONÇALVES, 2009). Embora os ideais cristãos ainda existissem, a ciência se desvinculou da religião resgatando a valorização do pensamento e a racionalidade humana, e valores do período da Grécia Clássica de valorização do corpo humano (GONÇALVEZ, 2009).

Nessa época, as artes (pinturas, esculturas, danças e dramaturgias) e os jogos esportivos se espalharam pelo mundo disseminando os ideais de corpo viril (ARASSE, 2012). Assim como na Grécia Antiga, pintores e escultores passaram a explorar a nudez e exaltar as formas dos corpos nus (ARASSE, 2012).

Eles exploravam o máximo dos detalhes anatômicos e expressões faciais, afim de obter obras que fossem capazes de expressar sentimentos e, conseqüentemente, gerar uma sensação de proximidade e reconhecimento com as pessoas que as observassem (ARASSE, 2012). As

pinturas e esculturas da Renascença deram espaço à uma apreciação da nudez e ficavam expostas em lugares públicos (ARASSE, 2012).

Meados do século XVII, ganharam destaque outros dois pensadores: Descartes e Spinoza (ORLANDI, 2004). Descartes desenvolveu uma filosofia cartesiana e mecanicista do corpo que acompanhava a dualidade corpo/alma de Platão, entretanto compreendia a alma como um controle do corpo responsável por todas as dores, prazeres e pecados, e comparava o funcionamento dos órgãos ao funcionamento das engrenagens de um relógio (ORLANDI 2004; GONÇALVES, 2009). Para ele, a alma se referia aos pensamentos do corpo, “a vivência da corporalidade é substituída pela sua representação na mente, e os objetos do mundo exterior transformam-se em meros dados da consciência” (GONÇALVEZ, 2009, p. 51).

Spinoza, por sua vez, elabora ideias que vão de encontro à valorização do corpo e questiona a si mesmo “o que pode um corpo?”, concluindo que “a mente e o corpo são uma só e mesma coisa, a qual é concebida ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão” (SPINOZA, 2009, p. 100).

Com essa suposição, Spinoza coloca em posição de questionamento a existência da alma e, por consequência, a existência de Deus e das providências divinas sob a vida de todos os seres (ORLANDI, 2004). E, para completar, questiona Descartes em uma de suas publicações:

Que compreende ele [Descartes], afinal, por união da mente e do corpo? Que conceito claro e distinto, pergunto, tem ele de um pensamento estreitamente unido a uma certa partícula de quantidade? Gostaria muito que ele tivesse explicado essa união por sua causa próxima. Ele havia, entretanto, concebido a mente de maneira tão distinta do corpo que não pôde atribuir nenhuma causa singular nem a essa união, nem à própria mente, razão pela qual precisou recorrer à causa do universo inteiro, isto é, a Deus (SPINOZA, 2009, p. 157).

No século XIX, os avanços conquistados durante a Revolução Industrial contribuíram para as intervenções invasivas e explorações do corpo humano pela medicina, que buscava compreender, descobrir e inventar modos de se os corpos habilitados para o trabalho em busca do aumento da produtividade (GONÇALVES, 2009). Isso fez com quem uma série de estudos sobre o corpo se desenvolvessem nos mais diversos campos de conhecimento (GONÇALVES, 2009).

Karl Marx, por exemplo, faz considerações sobre o corpo humano e as produções industriais. Ele acredita que o sujeito transforma a sociedade à medida que a sociedade o transforma, e que sua constituição corpórea é resultado das ações produtivas que fazem parte da história de vida de cada um (GONÇALVES, 2009).

Por força de trabalho ou capacidade de trabalho, compreendemos o conjunto das faculdades físicas e mentais, existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais, ele põe em ação toda a vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie (MARX, 1982, p. 187).

A psiquiatria, por sua vez, avança nos estudos sobre a mente e preocupa-se em desvendar mistérios sobre o comportamento humano na tentativa de encontrar formas para controlar as condutas consideradas desviantes, como a loucura, a criminalidade, a prostituição, entre outros, vistos como problemas para a ordem social e a produtividade no trabalho (FAURE, 2012).

A religião, que perdeu espaços da hegemonia teocêntrica que predominavam até então, encontram na sexualidade humana local de reafirmação dos pecados do corpo e incentivo da auto punição, condenando, sobretudo, os atos que tivessem como finalidade o prazer (GONÇALVES, 2009), e encontra respaldo nas leis e na psiquiatria, todos dispositivos de controle, para punir os desvios sexuais (FOUCAULT, 1999).

O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas (FOUCAULT, 1999, p. 39).

Mantendo o pensamento de desprezo ao corpo, o jejum e a autoflagelação ainda eram fortemente cultuado como forma de pedir perdão a Deus pelos pecados da carne, na tentativa de salvar a alma (CORBIN, 2012a).

Enquanto o corpo era oculto na vida cotidiana, pelos valores morais, sociais e religiosos, nas artes houve uma exaltação dos estudos do corpo nu, principalmente os corpos femininos. Os pintores dessa época se preocuparam em observar modelos nus e retratar a beleza dos corpo da forma mais realista possível, impulsionando a pintura realista da época (ZERNER, 2012).

Pode-se dizer, que durante o século XIX os estudos sobre o corpo humano se popularizaram em diversas áreas e isso produziu inúmeros estudos desde as áreas médicas e da saúde, até as artes e as ciências humanas, cada uma delas desenvolvendo uma compreensão própria sobre o corpo e as dualidades corpo-álma, corpo-espírito, corpo-mente. Essa diversidade de pensamentos, responsável também por produzir uma dominação sobre os corpos, seja pelo poder médico ou pelo poder das religiões, favoreceu o protagonismo da produção de desejos e

da (des)ordem social, que posteriormente, no século XX, culminaram na revolução sexual (CORBIN, 2012b).

Até aqui, mergulhamos em uma contextualização histórica sobre o conceito de corpo, corpo-alma, corpo-mente para apresentar algumas concepções, chamando a atenção para existência de pontos em comum e pontos divergentes entre elas, para poder afirmar que existem concepções que valorizam o corpo enquanto unidade do ser, e concepções de exaltam uma dualidade, seja corpo-alma, corpo-mente, nas quais apresenta-se uma valorização da alma/mente em detrimento do corpo.

A partir deste ponto, abandonaremos as concepções de valorização da alma/mente para tratar apenas da valorização do corpo, e exploraremos estudos mais recentes em busca de uma concepção de corpo e de corporeidade.



Capítulo 2

Quem eu sou?

“Quem é você?” perguntou a Lagarta.

Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.”

“Que quer dizer com isso?” esbravejou a Lagarta. “Explique-se!”

“Receio não poder me explicar”, respondeu Alice, “porque não sou eu mesma, entende?”.

“Não entendo”, disse a Lagarta.

“Receio não poder ser mais clara”, Alice respondeu com muita polidez, “pois eu mesma não consigo entender, para começar; e ser de tantos tamanhos diferentes num dia é muito perturbador”. (p. 55-57).



“O regime proposto para os prazeres sexuais parece estar centrado inteiramente sobre o corpo: seu estado, seus equilíbrios, suas afecções, as disposições gerais ou passageiras em que se encontra aparecem como as variáveis principais que devem determinar as condutas. De certa forma, é o corpo que faz a lei para o corpo (FOUCAULT, 2005, p. 136)”.

As imposições (leis, moral, religião) do século XIX e as condenações sobre a sexualidade, levaram a sociedade aos movimentos libertários: o aborto e o controle de natalidade pelos movimentos feministas; a homossexualidade e a transexualidade pelos movimentos LGBT, ocupando meios de comunicação, a política, a medicina, as práticas religiosas, a cultura, as artes (SOHN, 2012).

A indústria da beleza e a pornografia ganharam força e criaram um mercado para a nudez criando um novo controle dos corpos para produzir capital; a sexologia surgiu enquanto área da medicina para desvendar comportamentos sexuais considerados desviantes – como, por exemplo, homossexualidade, zoofilismo, ninfomania, prostituição – (SOHN, 2012). As sociedades nunca foram tão livres para os desejos e nunca tão presas pela ordem social.

E é no final deste século XIX que Nietzsche retoma a ideia de valorização do corpo:

Aos que desprezam o corpo tenho uma palavra a dizer. Não lhes peço para mudar de opinião e de doutrina, mas somente para se desfazerem de seu próprio corpo e dessa maneira se tornarão mudos. ‘Eu sou corpo e alma’ – assim fala a criança. E porque não haveríamos de falar como as crianças? Mas o homem desperto, aquele que sabe diz: ‘Eu sou todo corpo e nada mais. A alma é apenas designativa de qualquer coisa do corpo’. [...] Sentidos e espírito não passam de instrumentos e brinquedos. Por detrás deles se encontra o Em si. O Em si utiliza-se dos olhos dos sentidos para se informar e escuta com os ouvidos do espírito. O Em si está sempre à escuta, confronta, submete, conquista, destrói. Comanda e é também soberano do Eu. [...] Aos que desprezam o corpo quero dizer uma coisa. Aquilo que desprezam é o que faz com que eles sintam estima. Quem criou estima e desprezo, valor e vontade? [...] Eu não sigo vosso caminho, desprezadores do corpo! Para mim, não sois pontes que levam ao super-homem! (Nietzsche, s/d, 52-54).

Nietzsche é o contraponto da ideia que se iniciou com Platão sobre corpo que aprisiona a alma. O autor inicia uma nova forma de pensar: a ética da alegria, e abandona completamente a culpa e os valores morais. Para ele o corpo é o nosso guia mais confiável e efetivo para viver a vida, sendo os instintos, os sentidos e os afetos aqueles que nos permitem habitar e compreender a realidade e gerar os pensamentos (BARRENECHEA, 2002).

A proposta nietzschiana é de valorização do corpo e da terra, e significa uma transmutação de todos os valores afirmados e reafirmados até então e, o próprio ser, que historicamente reforçou a auto-desvalorização e os falsos pudores, compreende que o corpo determina todas as possibilidades de ser, sentir, agir e pensar (BARRENECHEA, 2002).

Seguindo essa linha de pensamento, no século XX, inaugura-se o pensamento pós-moderno e surgem novos conceitos sobre o corpo e surge também o conceito de corporeidade a partir da ideia de valorização dos corpos. Podemos destacar Merleau-Ponty e Deleuze como estudiosos deste tema.

Merleau-Ponty é quem de fato inaugura o uso do termo corporeidade, em 1945, em seu livro *Phénoménologie de la perception* (Fenomenologia da Percepção), quando diz que a corporeidade é, nada menos que, o território de todos os acontecimentos e o ponto de desencadeamento de todas as explicações (MERLEAU-PONTY, 2011).

A solução de todos os problemas de transcendência se encontra na espessura do presente pré-objetivo, em que encontramos nossa corporeidade, nossa sociabilidade, a preexistência do mundo, quer dizer, o ponto de desencadeamento das "explicações" naquilo que elas têm de legítimo — e ao mesmo tempo o fundamento de nossa liberdade (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 580).

Para o autor, a corporeidade é a zona dos acontecimentos, é o território através do qual os seres veem o mundo e são vistos no mundo, é espaço de aprendizagem, de experiências, é local da própria existência (MERLEAU-PONTY, 2011). O corpo é desejo, libido, projeção, introjeção e identificação do próprio Eu, e ganha forma no acontecimento, na experiência (MERLEAU-PONTY, 2011). Portanto, o corpo não está no espaço, ele é no espaço. “Ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 205).

A corporeidade, neste sentido, torna-se então caminho para a transcendência encarnada. Silva (2011), estudioso do conceito de *transcendental encarnado* de Merleau-Ponty, nos explica que essa ideia refere-se a conhecer o mundo através desta encarnação na qual nos encontramos. O autor aponta que as proposições de Merleau-Ponty são uma redefinição da situação humana em relação às suas capacidades racionais, uma vez que se compreende que os aprendizados da razão acontecem senão pelo corpo (SILVA, 2011). Não existe, portanto, pensamento sem a carne (SILVA, 2011).

A questão inicial é que, para que o próprio mundo possa ser pensado, jamais devemos ignorá-lo, uma vez que ele se torna antes de qualquer pensamento

o dado fundamental pelo qual ele ganha alguma existência para mim (SILVA, 2011, p. 162).

Partindo dessa perspectiva da experiência encarnada, Merleau-Ponty trabalhará com o conceito de *subjetividade* que, para o autor, deixa de ser referente a algo exclusivamente interior e passa ser a própria expressividade do corpo, num sistema “Eu-Outro-as coisas”, que é muito mais exterior do que interior (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 90).

Altera-se também a compreensão de espaço-tempo, criando a noção de uma *espacialidade* e uma *temporalidade* expressa pela *subjetividade*, isto é, se o corpo é no espaço, este também está sujeito na relação e no acontecimento. A medida que os corpos se relacionam com o mundo e o mundo se relaciona com os corpos, o espaço se transforma na zona de consciência e, por isso, se torna a *espacialidade* do corpo próprio (MERLEAU-PONTY, 2011).

Descrevamos em primeiro lugar a espacialidade do corpo próprio. Se meu braço está posto sobre a mesa, eu nunca pensaria em dizer que ele está ao lado do cinzeiro do mesmo modo que o cinzeiro está ao lado do telefone. O contorno de meu corpo é uma fronteira que as relações de espaço ordinárias não transpõem. Isso ocorre porque suas partes se relacionam umas às outras de uma maneira original: elas não estão desdobradas umas ao lado das outras, mas envolvidas umas nas outras (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 143).

E a *temporalidade*, por sua vez, refere-se à historicidade do corpo próprio. O corpo estando no estado de consciência de sua *espacialidade* e *temporalidade*, torna-se capaz de produzir um auto aprendizado que é também histórico, e diz sobre uma maneira original de ser estar no mundo (MERLEAU-PONTY, 2011). A *temporalidade* é então única para cada indivíduo, e a noção de tempo é interna e construída pelo próprio ser, e não mais uma grandeza externa que está posta anteriormente ao ser.

A síntese espacial e a síntese do objeto estão fundadas neste desdobramento do tempo. Em cada movimento de fixação, meu corpo ata em conjunto um presente, um passado e um futuro, ele secreta tempo, ou antes, torna-se este lugar da natureza em que, pela primeira vez, os acontecimentos, em lugar de impelirem-se uns aos outros no ser, projetam em torno do presente um duplo horizonte de passado e de futuro e recebem uma orientação histórica. Aqui existe a invocação, mas não a experiência de um naturante eterno. Meu corpo toma posse do tempo, ele faz um passado e um futuro existirem para um presente, ele não é uma coisa, ele faz o tempo em lugar de padecê-lo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 321-322).

Essa valorização do corpo como lugar de acontecimento e de produção da própria vida, produção do próprio espaço e do próprio tempo, contribui para a compreensão dos conceitos de *Corpo Sem Órgãos* (CsO) e *devir*, cunhados por Deleuze e Guattari.

A ideia de um Corpo Sem Órgãos acompanha a transcendência encarnada de Merleau-Ponty, uma vez que aponta para as experiências primárias como anterior ao corpo físico, ou seja, para Deleuze e Guattari (2012), o corpo enquanto forma se constitui na experimentação e, por conta disso, nunca está pronto, é amorfo, se faz e se desfaz à medida que as intensidades, as experiências, atravessam o corpo.

De todo modo você tem um (ou vários) [corpo sem órgãos], não porque ele pré-exista, ou seja, dado inteiramente feito — se bem que sob certos aspectos ele pré-exista — mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo — e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. (...) Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. (...) É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 11-12).

Esse constante de transformação no qual encontra-se o corpo, de fazer-se, desfazer-se e refazer-se, é que os autores chamaram de *devir*. *Devir corpo* é ter consciência das intensidades e dos desejos que atravessam seu próprio corpo, e criar para si um corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Todas intensidades e desejos que perpassam pelo CsO o afeta e o transforma ao mesmo tempo que o CsO produz os seus próprios desejos e suas próprias intensidades. O CsO não é, portanto, uma experiência individual, mas sim coletiva, ocupa o espaço e se mistura a ele e a outros corpos produzindo agenciamentos de ações, objetos, paisagens, e se constitui como um território de *desterritorialização* (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Não é mais um organismo que funciona, mas um CsO que se constrói. Não são mais atos a serem explicados, sonhos ou fantasmas a serem interpretados, recordações de infância a serem lembradas, palavras para significar, mas cores e sons, devires e intensidades (...) Não é mais um Eu que sente, age e se lembra, é "uma bruma brilhante, um vapor amarelo e sombrio" que tem afetos e experimenta movimentos, velocidades (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 28-29).

Segundo os autores, no momento em que os devires corpo acontecem, o corpo se expressa, se mostra como forma, como gesto, como ritmo, e essa expressividade é a *corporeidade*

(DELEUZE; GUATTARI, 2012). Se, para Merleau-Ponty a corporeidade é como os seres veem o mundo e como o mundo vê os seres, pode-se considerar que essa forma, o gesto, o ritmo do qual falam Deleuze e Guattari nada mais é que um modo, um “como” o corpo se expressa e, portanto, um “como” ele é visto no mundo e pelo mundo.

“Já decifrou o enigma?”, indagou o Chapeleiro, voltando-se de novo para Alice.

“Não, desisto”, Alice respondeu. “Qual é a resposta?”

“Não tenho a menor ideia”, disse o Chapeleiro.

“Nem eu”, disse a Lebre de Março.

Alice suspirou, entediada. “Acho que vocês poderiam fazer alguma coisa melhor com o tempo”, disse, “do que gastá-lo com adivinhações que não têm resposta”.

“Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu”, disse o Chapeleiro, “falaria dele com mais respeito”.

“Não sei o que quer dizer”, disse Alice.

“Claro que não!” desdenhou o Chapeleiro, jogando a cabeça para trás. “Atrevo-me a dizer que você nunca chegou a falar com o Tempo!”

“Talvez não”, respondeu Alice, cautelosa, “mas sei que tenho de bater o tempo quando estudo música”.

“Ah! Isso explica tudo”, disse o Chapeleiro. “Ele não suporta apanhar. Mas, se você e ele vivessem em boa paz, ele faria praticamente tudo o que você quisesse com o relógio. Por exemplo, suponha que fossem nove horas da manhã, hora de estudar as lições; bastaria um cochicho para o Tempo, e o relógio giraria num piscar de olhos! Uma e meia, hora do almoço!”.



Capítulo 3

Um jogo difícil

Alice pensou que nunca vira um campo de croqué tão curioso na sua vida; era cheio de saliências e buracos; as bolas eram ouriços vivos, os malhos flamingos vivos, e os soldados tinham de se dobrar e se equilibrar sobre as mãos e os pés para formar os arcos.

A maior dificuldade, Alice achou a princípio, era manobrar seu flamingo; conseguiu aninhar o corpo dele bastante confortavelmente debaixo do braço, com as pernas penduradas para fora, mas, a maioria das vezes, justamente quando tinha conseguido fazê-lo reter bem o pescoço e ia dar uma tacada no ouriço com a cabeça dele, ele se revirava todo e a fitava com uma expressão tão perplexa que ela não conseguia deixar de cair na gargalhada; e, quando tinha conseguido fazê-lo baixar a cabeça e ia tentar de novo, era exasperante constatar que o ouriço se desenroscara e estava se arrastando para longe. Afora tudo isso, geralmente havia uma saliência ou um buraco na direção em que queria lançar o ouriço, e, como os soldados dobrados estavam a todo instante se levantando e caminhando para outras partes do campo, Alice logo chegou à conclusão de que aquele era realmente um jogo muito difícil. (p. 98-99).



Desde o seu início no Brasil até pouco tempo atrás, terapeutas ocupacionais consideraram o corpo humano a partir de uma perspectiva mecanicista e biomédica que predomina, hegemonicamente nas áreas da saúde até os dias atuais (ALMEIDA, 2004). Essa perspectiva nos leva a pensar o corpo a partir de noções de anatomia e cinesiologia, que é pensar o corpo dividido em partes, em órgãos, em tecidos, nos movimentos isolados de cada uma dessas partes (ALMEIDA, 2004).

Nos campos da saúde em geral, sempre houve uma valorização das ciências ocidentais e na Terapia Ocupacional, a cinesiologia predominou como a ciência do movimento humano, que visualiza toda a complexidade dos corpos reduzida à músculos, articulações e movimentos isolados, produzindo vetores de forças, arcos e alavancas (ALMEIDA, 2004).

Neste sentido, terapia ocupacional vem de um histórico que priorizou os estudos sobre o uso das mãos e dos membros superiores, fundamentado na ideia de que são as partes do corpo mais significativas no fazer humano (ALMEIDA, 2004). Para Almeida (2004), há uma importância, de fato, designada para as mãos, mas não podemos reduzir o fazer humano ao uso de um único segmento do corpo, pois, este fazer está integrado ao corpo todo. O autor afirma que a psicanálise e as neurociências atribuíram ao corpo a função de mediador dos desejos da mente (ALMEIDA, 2004) e, assim como os autores anteriormente citados, que acreditaram na supremacia da mente em detrimento do corpo, os terapeutas ocupacionais tendo como base os estudos biomédicos, incorporaram essa ideia em suas ações (ALMEIDA, 2004).

Por outro lado, alguns terapeutas ocupacionais da atualidade têm se preocupado em ampliar a visão sobre o corpo, partindo de uma perspectiva mais filosófica e artística que olha para a totalidade do ser para além das suas subdivisões físicas e biológicas, sendo capaz de observar a pluralidade da existência, do movimento e das ações, potencializando e explorando todas as capacidades e habilidades expressivas dos indivíduos, se aproximando quase de uma performance artística (ALMEIDA, 2004).

Ao longo da graduação, deparei-me com inúmeros modos de ver o corpo humano. Ora por uma abordagem mais biomédica, cinesiológica e reabilitacionista; ora pelas abordagens artísticas, filosóficas, complexas, integradas. Se, num primeiro momento me vi perdida entre essas dualidades e paradoxos, num momento seguinte tive um apaixonamento por esta segunda.

Ao se pensar as intervenções de terapia ocupacional, agregar a corporeidade implicaria em pensar como os terapeutas ocupacionais interferem e transformam o corpo dos indivíduos que se propõe a atender. Para Almeida (2004) pensar a corporeidade é pensar o corpo numa

relação espaço-tempo, formado pelas **inscrições históricas**, pelos contornos territoriais, pelas **experiências vividas**, é compreender que o ser é um corpo físico, psicológico, social, biológico, emocional, cultural, e tudo isso junto, por onde perpassam forças, poderes e desejos, assim como demonstramos nos pensamentos de Merleau-Ponty e Deleuze.

O corpo não é, e não deveria ser visto como, simplesmente um organismo ou uma fisiologia, mas algo que se expressa, e que nunca finda sua construção. Nele toda a vida se produz e acontece: **subjetividade**, cultura, sociedade, poderes, opressões e **desejos**. A estruturação do corpo resulta em uma realidade material, psicológica, social, complexa, e, talvez o mais importante, indissociável (ALMEIDA, 2004).

Outros estudiosos da Terapia Ocupacional contribuíram para uma noção de corporeidade. Para Castro *et al* (2011), por exemplo, a corporeidade pode ser definida como o conjunto de **sensações despertadas quando nos conectamos com outros corpos**, produzindo o movimento da vida e a possibilidade de **existir no espaço**, compreendendo que o corpo é o **lugar do acontecimento** por meio dos fazeres humanos.

Lieberman (2007) fala dos **territórios de corporeidades** que são inaugurados a partir de práticas corporais (como a dança, por exemplo), pois produzem uma **aproximação do ser com seu próprio corpo**, com outros corpos, com diversas **intensidades**, possibilitando uma **abertura para os conhecimentos do mundo através de experimentações**.

Se observarmos os termos destacados e retomarmos o capítulo anterior, notaremos que muitas palavras utilizadas por Merleau-Ponty ou por Deleuze e Guattari se repetem nas definições desses autores.

Uma pesquisa de Iniciação Científica realizada por mim de agosto de 2016 a agosto de 2017, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Regina Silva, possibilitou que eu questionasse alguns terapeutas ocupacionais que trabalham com temáticas e/ou abordagens relacionada à temática do corpo e da corporeidade a fim de reunir e compor uma ideia, uma concepção, sobre a corporeidade na Terapia Ocupacional (AMBROSIO; SILVA, 2017).

Fazendo uma síntese das respostas dos questionários aplicada durante essa pesquisa, pode-se arriscar que, de maneira resumida, uma definição de corporeidade se aproximaria de algo como:

A corporeidade é a expressão do corpo, é o acontecimento. Corporeidade se manifesta, se expressa, age, faz, constrói, produz, transforma. Corporeidade é o movimento e a pulsação do corpo, e dos corpos nos encontros.

Corporeidade é o próprio ser em toda sua complexidade (AMBROSIO; SILVA, 2017).

Para a Terapia Ocupacional, pensar o corpo de uma maneira mais filosófica e sensível possibilitou compreender o corpo com maior complexidade, considerando as relações, os encontros, os contextos e os fazeres humanos (ALMEIDA, 2006). Ao ampliar o olhar do terapeuta ocupacional para o corpo, as práticas corporais tornaram-se fundamentais nas intervenções terapêuticas ocupacionais, e são compostas também de proposições artísticas e culturais (ALMEIDA, 2006).

Liberman (2007), que incorporou a dança e a fotografia enquanto estratégia de aproximação entre as pessoas e como facilitadora da expressão e da leitura dos corpos nas intervenções, aponta para o corpo enquanto uma bomba pulsátil, que se comunica, realiza trocas e produz intensidades em si, se expressa, e se conecta com o outro e com o ambiente, a partir das relações estabelecidas entre corpo/espaço/tempo. Para a autora, a medida que se relacionam, se produzem nesses corpos cultura, acontecimentos, vínculos, intensidades e subjetividades (LIBERMAN, 2007).

Terapeutas ocupacionais atuam nos territórios de vida, e se instrumentalizam das experiências vividas e dos fazeres humanos, construindo espaços de afetações e pulsações, na tentativa de aumentar possibilidades de existência e produção de desejos (CASTRO, 2005). Compreender as multiplicidades das relações humanas e se permitir perceber o outro como ser em processos de devires, é uma tarefa primária ao terapeuta ocupacional para estabelecer vínculos, conexões éticas e políticas, construir relações sociais e autonomia pessoal, por meio dos encontros nos espaços de cuidado (CASTRO, 2005).

Será tão triste e perigoso não mais suportar os olhos para ver, os pulmões para respirar, a boca para engolir, a língua para falar, o cérebro para pensar, o ânus e a laringe, a cabeça e as pernas? Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre, Coisa simples, Entidade, Corpo pleno, Viagem imóvel, Anorexia, Visão cutânea, Yoga, Krishna, Love, Experimentação. Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 13).

Lima (2004) ao refletir sobre o tornar-se terapeuta ocupacional propõe um olhar para a atividade humana que vá além do sentido da visão, trata-se da necessidade de aproximar-se, sentir e ver com e através do corpo para ampliar os espaços que antes eram apenas de

intervenção, para espaços que permitam a experiência do fazer e possibilitem outras formas de expressão e comunicação que não seja só a verbal (LIMA, 2004). “Olhar para o outro em suas ações e buscar aí, no limiar do invisível, a intrincada trama de afetos, histórias e saberes; e a olhar para cada atividade em suas infinitas possibilidades” (LIMA, 2004, p. 47).

Tornar-se terapeuta ocupacional passa pelo processo de aprender esse olhar com o corpo, aprender, antes de tudo, a olhar para o próprio corpo, para depois compreender os corpos dos outros. A pesquisa que realizei com terapeutas ocupacionais, já citada anteriormente, apontou que é de extrema importância introduzir práticas e experimentações nos cursos de graduação em terapia ocupacional, uma vez que os estudantes possam experimentar para apreender (AMBROSIO; SILVA, 2017). Ressalta-se a importância tanto de disciplinas teóricas sobre o corpo que apresentem perspectivas para além das biológicas, quando de disciplinas práticas, focadas em uma integração entre teoria, prática e formação para percepção e cuidado de si (AMBROSIO; SILVA, 2017).

As abordagens corporais configuram-se como atividades que podem promover estratégias para o cuidar, configurando-se como recurso promotor na expressão de sentimentos. Experienciadas pelos discentes na graduação, pode ser um potente recurso que busca promover o desenvolvimento e entendimento na elaboração de seus sentimentos, muitas vezes, inexprimíveis pela linguagem verbal, e auxiliar na capacitação e aprimoramento para o atendimento clínico (SILVA; GREGORUTTI, 2014, p.136).

Alice observou o Coelho Branco enquanto ele revirava a lista, muito curiosa para saber quem seria a próxima testemunha, “pois ainda não reuniram muitas provas”, disse para si mesma. Qual não foi sua surpresa quando o Coelho Branco leu, forçando ao máximo sua vozinha esganiçada, o nome “Alice”! (p. 136).



Capítulo 4

Depoimento de Alice

“O que você sabe sobre este caso?” perguntou o Rei a Alice.

“Nada”, respondeu Alice.

“Absolutamente nada?” insistiu o Rei.

“Absolutamente nada”, confirmou Alice. (p. 139).

Neste capítulo busco fazer uma breve descrição, um breve relato, de algumas experiências práticas que me possibilitaram realizar todas as correlações teóricas e produzir diálogos com a Terapia Ocupacional neste processo de formação. Neste momento, sem necessariamente fazer uso de provas ou de referenciais teóricos, meramente como experiência vivida, como expressão do meu próprio ser, como acontecimento, como território de existência, como corporeidade.

Da extensão universitária a extensão do corpo

Iniciei a formação em Terapia Ocupacional no ano de 2013, muito interessada nos diálogos possíveis entre a profissão e a dança. Vinda de algumas formações em dança do ventre, sapateado, contemporâneo, forró e samba rock, tinha como objetivo encontrar espaços onde pudesse contribuir com a arte da dança. Ainda no campo das artes, mantinha algumas outras práticas por hobby, como desenho, pintura e teatro.

Logo no primeiro ano da graduação me aproximei da Prof^a Dr^a Carla Regina Silva, e comecei a participar de projetos de extensão universitária coordenados por ela, no Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional – AHTO. Os projetos de extensão serviram como uma formação extra durante a graduação e possibilitaram a minha aproximação com a arte, a cultura e outros corpos, e foram essenciais na minha formação.

Após um tempo envolvida com projetos de extensão, iniciei meu *devir pesquisadora*, e tive a oportunidade de desenvolver ainda três Iniciações Científicas. Todas essas experiências me tornaram terapeuta ocupacional e contribuíram para esse mergulho em busca do *devir corpo* e serão apresentadas a seguir.

Direitos humanos para a diversidade: construindo espaços de arte, cultura e educação²

A primeira experiência aconteceu em 2013 no Projeto “Direitos humanos para a diversidade: construindo espaços de arte, cultura e educação”, no qual trabalhamos com oficinas artísticas e culturais em três serviços públicos: Centro de Atenção Psicossocial, Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e outras drogas e Centro de Referência Especializada da assistência Social – População de Rua.

² O projeto foi desenvolvido pelo Laboratório AHTO, pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, com duração de um ano, financiado pelo Programa de Extensão Universitária – ProExt.

Durante as oficinas trabalhamos com diversas expressões artísticas - entre elas música, teatro e circo -, e diversas técnicas e materiais - desenho, pintura, argila, jogos, etc -, tanto no sentido de fruição da arte e da cultura, como no sentido de produção de arte e cultura, para sensibilizar as discussões sobre os Direitos Humanos (SILVA, *et al*, 2017).

Observou-se que essas oficinas práticas promoveram *deslocamentos sensíveis*, ampliou os espaços de aprendizagem, discussão, reflexão, potencialidades e criação, possibilitando a valorização dos desejos e das pluralidades das subjetividades produzidas (SILVA, *et al*, 2017).

Produção acadêmica:

SILVA, R. C.; CARDINALLI, I.; SILVESTRINI, M. S.; ALMEIDA PRADO, A.C.S.; LEITE JR, J. D.; AMBROSIO, L.; SCHMIDT-HEBBEL, P. M. Agora eu também tenho uma luta, assim como vocês. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional* , v.1, p.260 - 268, 2017.

AMBROSIO, L. O que sabemos sobre os Direitos Humanos? In: SILVA, C. R. (Org.) *Direitos Humanos para a Diversidade construindo espaços de arte, cultura e educação*. Brasília: São Jorge, 2014, p. 60-61.

SILVA, C. R.; CARDINALLI, Isadora; PRADO, A. C. S. A.; MONTAGNER, R. S. R.; SCHMIDT-HEBBEL, P. M.; LEITE JUNIOR, J. D.; AMBROSIO, L. *Direitos humanos para a diversidade*. In: III Seminário Políticas para Diversidade Cultural, 2014, Salvador. III Seminário Políticas para Diversidade Cultural. , 2014, v.1, p.1-13.

SILVA, C. R.; CARDINALLI, Isadora; SILVESTRINI, Marina Sanches; PRADO, A. C. S. A.; LEITE JUNIOR, J. D.; AMBROSIO, L. *Direitos Humanos, Transdisciplinariedade, Arte e Cultura promovendo estratégias inter(in)ventivas*. In: VIII Simpósio de Terapia Ocupacional da FMRP-USP e II Simpósio de Trabalhos Científicos do curso, 2014, Ribeirão Preto. VIII Simpósio de Terapia Ocupacional da FMRP-USP e II Simpósio de Trabalhos Científicos do curso , 2014.

SILVA, C. R.; CARDINALLI, Isadora; AGOSTINHO, J. N.; MONTAGNER, R. S. R.; SABADINI, C.; PRADO, A. C. S. A.; SCHMIDT-HEBBEL, P. M.; OLIVEIRA, I.; AMBROSIO, L. *Direitos Humanos para a Diversidade*. In: 10a. Jornada Científica da UFSCar, 2013, São Carlos. Eventos da UFSCar. São Carlos: Cubo, 2013. v.10.

SILVA, C. R.; CARDINALLI, Isadora; SILVESTRINI, Marina Sanches; PRADO, A. C. S. A.; LEITE JUNIOR, J. D.; AMBROSIO, L. *Espaços transdisciplinares de arte, cultura e direitos humanos*. In: XVIII Semana de Estudos em Terapia Ocupacional da UFSCar I Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2014, São

Carlos. XVIII Semana de Estudos em Terapia Ocupacional da UFSCar I Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional da UFSCar. , 2014. v.1.

*Tenda Cultural - Janela Aberta para a Arte, a Ciência e a Cidadania*³

Em 2014, participando do Projeto “Tenda Cultural - Janela Aberta para a Arte, a Ciência e a Cidadania”, tive a oportunidade de fazer parte da construção de um evento itinerante que contou com três edições realizadas em bairros periféricos da cidade de São Carlos. O evento era composto por apresentações artísticas, oficinas e exibições de filmes (SILVA, *et al*, 2014).

Participar deste evento possibilitou inúmeras experiências, desde de apreciar apresentações de música, teatro e dança, e participar de oficinas de dança, plantação, capoeira, circo, grafite, hip-hop. Mas ressalto aqui a possibilidade de estar enquanto corpo presente no encontro com todas as pessoas que visitaram a Tenda Cultural. O projeto representou um saldo bastante positivo de deslocamentos sensíveis, imagéticos, materiais e imateriais que fizeram parte de uma vivência disparadora sobre possibilidades diversas de tornar-se terapeuta ocupacional.

Produção acadêmica:

SILVA, C. R.; CARDINALLI, Isadora; SILVESTRINI, Marina Sanches; BRANDAO, L. S.; MOTA, R. D.; AMBROSIO, L.; SANTOS, T.; SABADINI, C.; VALBUZA, V. *Arte e cultura para a cidadania na Tenda Cultural*. In: XVIII Semana de Estudos em Terapia Ocupacional da UFSCar I Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2014, São Carlos. XVIII Semana de Estudos em Terapia Ocupacional da UFSCar I Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional da UFSCar. , 2014, v.1.

*Memória falada: histórias de vida da população em situação de rua como patrimônio da humanidade*⁴

Em 2015 participei do Projeto “Memória falada: histórias de vida da população em situação de rua como patrimônio da humanidade”, que acontecia em uma Casa de Passagem na cidade de

³ O projeto foi realizado a partir de uma parceria entre a UFSCar, através do AHTO, e a ONG Janela Aberta, com duração de três meses e financiado por iniciativa privada do Banco do Brasil.

⁴ O projeto foi realizado pelo AHTO, UFSCar. Teve duração de um ano e meio e foi financiado pela Pró-Reitoria de Extensão – ProEx.

São Carlos. O projeto era voltado para pessoas em situação de rua de ficavam abrigados no espaço da casa e consistia em coletar histórias de vida dessas pessoas por meio de entrevistas gravadas (SILVA, *et al*, 2016a).

Durante os encontros, que aconteciam semanalmente, fazíamos atividades de sensibilização além das entrevistas com àqueles que aceitavam nos contar histórias. Essas sensibilizações aconteceram por meio de uma diversidade de atividades: música, contação de histórias, desenhos, conversas. As entrevistas eram feitas partindo de uma escuta atenta e sensível que tinha início nas relações entre os nossos corpos (equipe e usuários do serviço). Tanto que elas costumavam acontecer de forma bastante natural, a medida que nos relacionávamos e nos conectávamos, sem a necessidade de estabelecermos roteiros, métodos ou ordenação das pessoas para relatarem suas histórias de vida.

Expressões potentes

Em 2016, iniciou-se o Projeto “Expressões potentes da juventude na escola pública: encontros de arte e cultura”⁵, que teve ampliou-se e teve continuidade em 2017, separando-se em outros dois projetos: “Expressões potentes na escola pública: corpo e arte”⁶ e “Acordes e ondas sonoras pulsantes: potências criativas na escola pública”⁷, tendo participado mais atividade do primeiro, embora os dois acontecessem de maneira bastante integrada.

Quando teve início, o projeto estava vinculado ao campo de uma pesquisa de mestrado e tinha como enfoque maior as práticas musicais, principalmente, oficinas de violão e rádio, que eram ensinadas para crianças e adolescentes estudantes do Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio de uma escola na periferia de São Carlos. Durante os encontros trabalhávamos também com dinâmicas corporais e expressivas, como por exemplo, jogos corporais, dança e teatro, buscando promover atividades que auxiliassem no processo educativo, na auto percepção e autonomia dos jovens e na promoção do acesso à cidadania e aos direitos, como a cultura e a socialização (SILVA, *et al*, 2016b).

Conforme o crescimento do projeto, aumento dos participantes e aumento do número de membros da equipe, vimos a possibilidade de ampliar o projeto, dividindo-o, atualmente, em dois. O Projeto “Acordes e ondas sonoras pulsantes: potências criativas na escola pública” refere-se as oficinas de música e rádio, que acontecem de maneira separadas, sendo a oficina

⁵ Realizado pelo AHTO, UFSCar, com duração de seis meses.

⁶ Realizado pelo AHTO, UFSCar, com duração de um ano e financiamento ProEx, em parceria com o Programa Novo Mais Educação do Ministério da Educação.

⁷ Realizado pelo AHTO, UFSCar, com duração de um ano e financiamento ProEx, em parceria com o Programa Novo Mais Educação do Ministério da Educação.

de música composta pela experimentação de instrumentos, descoberta de sons corporais e aprendizagem de algumas técnicas musicais, e a oficina de rádio responsável pela constituição da Rádio Degan, construção da programação da rádio, experimentação de softwares de produção musical e sonora e conhecimento dos equipamentos de som e rádio.

O Projeto “Expressões potentes na escola pública: corpo e arte” é composto pelas oficinas de expressão corporal - dança e teatro -, e circo. As oficinas de circo consistem na experimentação de técnicas circenses, como malabares, acrobacias e palhaçaria, e na construção de instrumentos circenses (bolinhas de malabares, por exemplo) e de personagens (caracterização, maquiagem, etc).

As oficinas de expressão corporal são compostas por dinâmicas que estimulem a expressão corporal, experimentação de técnicas de dança e teatro, jogos corporais, jogos teatrais, e construção cênica.

Estes projetos têm se mostrado bastante potentes e visam a sensibilização, percepção e conscientização de si, posturas e ações, no encontro com a espontaneidade e a criatividade, promovendo também o autoconhecimento, reconhecimento da autoimagem e auxiliando no processo de expressão da consciência e escuta com o corpo (SILVA, *et al*, 2016b).

Todos esses projetos extensionistas me possibilitaram estar no encontro com o outro e, portanto, no encontro dos corpos, produzindo intensidades, pulsações e desejos, e contribuindo para a minha formação sensível através de experimentações práticas me promoveram aberturas para o aprendizado.

A arte e a cultura foram mediadores das relações entre corpos, entre indivíduos e meu corpo em formação. Essas práticas se mostraram potentes e sensíveis nas intervenções que participei, promovendo a criação de espaços de trocas, aprendizagens, empoderamento, conhecimento de si, pertencimento, entre tantas outras coisas.

Essas experiências possibilitaram minha aproximação com a temática do corpo e da corporeidade, permitindo que, em diversos momentos, eu pudesse experimentar as teorias na prática, e viver e ver inúmeros corpos em devir(es).

Devir pesquisadora

Durante a graduação, o meu interesse pela temática do corpo e da corporeidade só aumentaram, e movida pelo desejo de aprofundar-me no tema, tive a oportunidade de

desenvolver três Iniciações Científicas, também vinculadas ao AHTO, sob orientação da Profª Dr.ª Carla.

Corporeidade: das dores aos desejos do corpo uma revisão de literatura

Em 2015, esta foi a primeira pesquisa de Iniciação Científica, uma revisão sistemática através da qual busquei compreender o conceito de “corporeidade”, partindo de estudos teóricos de autores que trabalharam com este conceito e com as noções de corpo ao longo da vida.

Essa pesquisa me permitiu compreender todo um processo histórico na mudança do conceito de corpo ao longo da história e conhecer autores e autoras que escrevem sobre o tema, possibilitando ampliar o arcabouço teórico e permitindo um mergulho profundo nos estudos sobre o corpo humano e a corporeidade. Nesta primeira pesquisa, não delimiti uma área do conhecimento específica, nem mesmo a Terapia Ocupacional, para que eu pudesse me aproximar das mais diversas concepções de corporeidade.

Foi a partir desta pesquisa que cheguei na divisão teórica feita no primeiro capítulo deste livro, entre uma vertente que aposta na divisão corpo e mente e a vertente que considera o corpo como unidade (AMBROSIO; SILVA, 2016a).

Produção acadêmica:

AMBROSIO, L.; SILVA, C. R.; FERIGATO, S. *Corporeidade: uma revisão sobre a história do corpo*. In: XI Simpósio de Terapia Ocupacional da FMRP-USP e VI Simpósio de Trabalhos Científicos do curso, 2017, Ribeirão Preto. XI Simpósio de Terapia Ocupacional da FMRP-USP e VI Simpósio de Trabalhos Científicos do curso , 2017.

SILVA, C. R.; AMBROSIO, L. *Corporeidade: os conceitos a partir da história do corpo*. In: XIX Semana de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2016, São Carlos. Anais da XIX Semana de Terapia Ocupacional, II Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional e I Encontro de Preceptores do Curso de Terapia Ocupacional da UFSCar. São Carlos: 2016, v.1, p.151-155.

O corpo da mulher gestante e as intervenções Terapia Ocupacional na Atenção Básica

Em 2016, a pesquisa cuja proposta foi investigar os benefícios das intervenções e abordagens corporais da Terapia Ocupacional com um grupo específico na Atenção Básica em Saúde, e

constituiu uma experiência prática e sensível de experimentações e sensibilizações de mulheres gestantes neste contexto.

Os resultados dessa pesquisa permitiram a identificação de elementos comuns e singulares da corporeidade feminina no período de gestação. Foi possível observar a complexidade desta vivência para a vida da mulher e as diversas maneiras que as transformações expressas pelo corpo se manifestam, e pode-se discutir situações tais como, transformações físicas e de humor, a relação entre o desejo e as atividades humanas, entre outros, que causam impacto no cotidiano, em papéis ocupacionais, relações familiares e pessoais, e com o próprio corpo (AMBROSIO; SILVA, 2016b).

A partir disso, foram propostas intervenções terapêuticas ocupacionais no sentido da construção significativa da corporeidade e do cotidiano das mulheres gestantes – grupos para acolhimento e escuta de demandas; atividades que promovam a percepção do próprio corpo; atenção à saúde integral da mulher; trocas de saberes e experiências; promover reflexões sobre os papéis da mulher na sociedade; incluir a família nas ações de cuidado; articular profissionais e setores para o cuidado integral, buscando construir espaços para potencialização da emancipação, da autonomia e do protagonismo das mulheres, neste momento singular (AMBROSIO; SILVA, 2016b).

A pesquisa promoveu experimentações no âmbito prático que permitiram aproximar-me ainda de uma terapia ocupacional sensível e preocupada com o corpo dos indivíduos, com um olhar atento, sensível e complexo, com uma escuta do outro através do meu próprio corpo.

Produção acadêmica:

AMBROSIO, L.; FERIGATO, S.; SILVA, C. R. Mulheres gestantes e Terapia Ocupacional: intervenções na Atenção Básica em Saúde e a corporeidade feminina. In: XI Simpósio de Terapia Ocupacional da FMRP-USP e VI Simpósio de Trabalhos Científicos do curso, 2017, Ribeirão Preto. XI Simpósio de Terapia Ocupacional da FMRP-USP e VI Simpósio de Trabalhos Científicos do curso , 2017.

FERIGATO, S.; AMBROSIO, L.; SILVA, C. R. A corporeidade da mulher gestante e as intervenções da terapia ocupacional na Atenção Básica In: XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, 2015, Rio de Janeiro. Anais do XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional. Rio de Janeiro: Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, 2015, v.1, p.95-95.

SILVA, C. R.; FERIGATO, S.; AMBROSIO, L. *Corporeidade gestante e intervenções da terapia ocupacional*. In: XIX Semana de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2016, São Carlos. Anais da XIX

Semana de Terapia Ocupacional, II Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional e I Encontro de Preceptores do Curso de Terapia Ocupacional da UFSCar. São Carlos: 2016, v.1, p.225-229.

Corporeidade e Terapia Ocupacional

E, por fim, “Corporeidade e Terapia Ocupacional”, em 2017, que teve como objetivo investigar como terapeutas ocupacionais estavam abordando as questões referentes ao corpo dos sujeitos em diferentes campos de atuação e com diferentes populações e trabalhando com o conceito de corporeidade (AMBROSIO; SILVA, 2017).

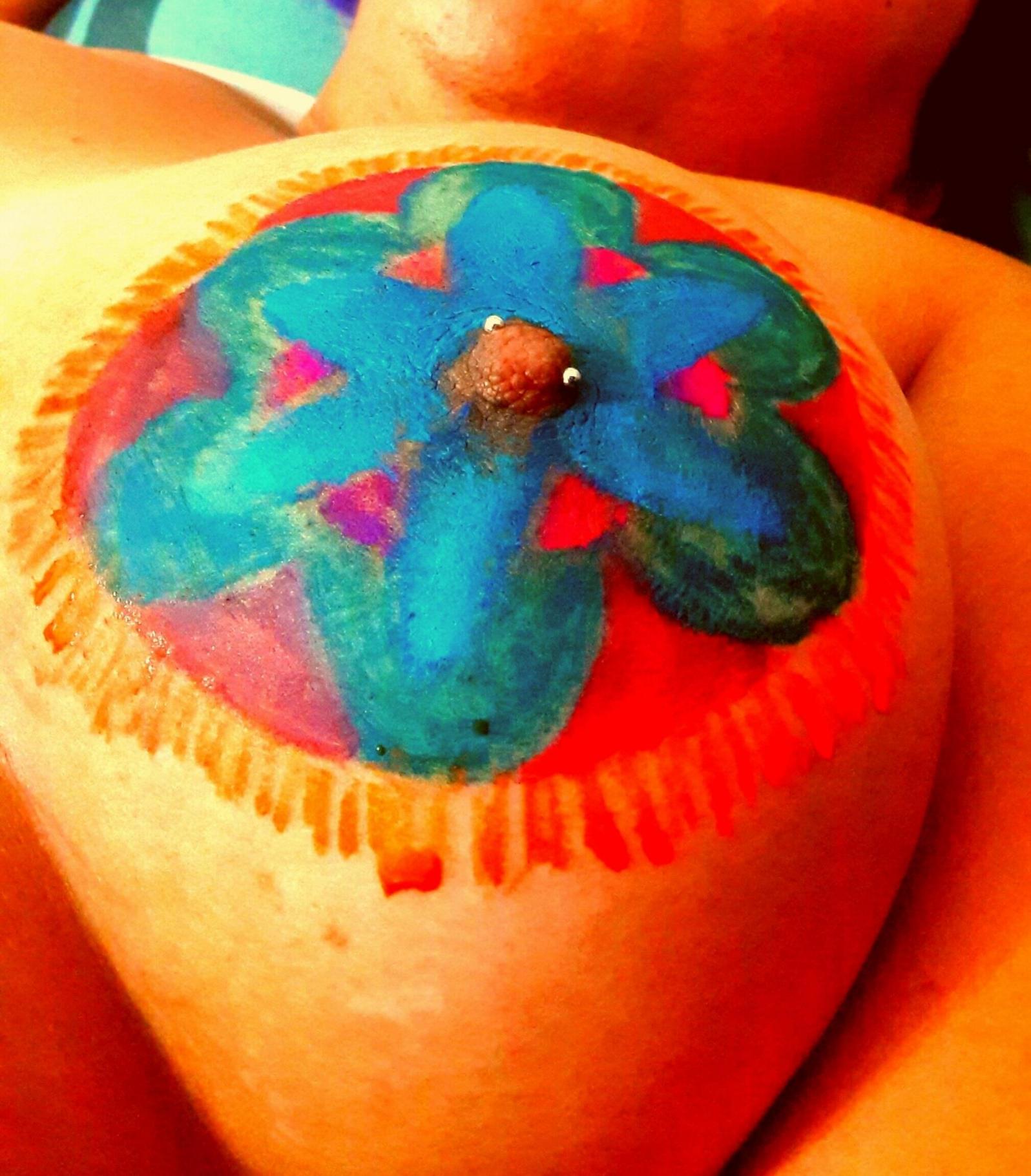
Essa pesquisa representa o meu mergulho mais profundo, pois, me serviu de base e apoio para apropriação de tudo aquilo que foi experimentado pelo meu corpo durante a minha formação como terapeuta ocupacional.

Foi a partir dela que eu permiti ao meu corpo incorporar todo o saber adquirido até então através de estudos, leituras e vivências, e completar um ciclo no meu devir terapeuta ocupacional (para iniciar outros, já que o devir é constante).

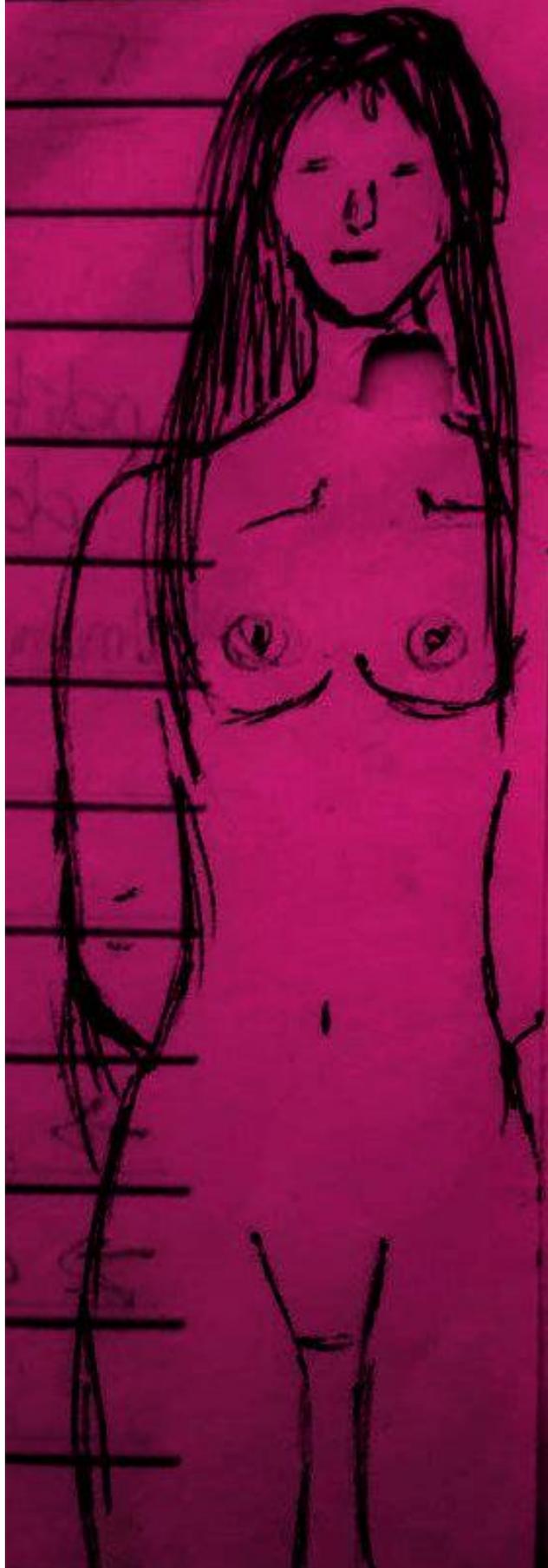
Capítulo 5

Através do espelho e o que Alice encontro por lá

Este quinto e último capítulo será composto apenas por desenhos. Desenhos produzidos durante estes cinco anos de graduação que se encerram, assim como este livro. E assim como estes cinco anos, este livro necessita da expressão da corporeidade, que será feita aqui através da arte.















Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. V. M. **Corpo e Arte em Terapia Ocupacional**. Rio de Janeiro: Enelivros Editora, 2004.

ALMEIDA, M. V. M. **A selvagem dança do corpo**. 2006. 271 f. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

AMBROSIO, L.; SILVA, C. R. **Corporeidade**: das dores aos desejos do corpo uma revisão de literatura. 2016. 144p. Relatório Final da Pesquisa de Iniciação Científica. Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016a.

AMBROSIO, L.; SILVA, C. R. **O corpo da mulher gestante e as intervenções Terapia Ocupacional na Atenção Básica**. 2016. 120p. Relatório Final da Pesquisa de Iniciação Científica. Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016b.

AMBROSIO, L.; SILVA, C. R. **Corporeidade e Terapia Ocupacional**. 2017. 104p. Relatório Final da Pesquisa de Iniciação Científica. Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

ARASSE, D. A carne, a graça, o sublime. In: CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: Da Renascença às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 4ª ed., 2012, p. 535-620.

BARRENECHEA, M. A. Nietzsche e o corpo: para além do materialismo e do idealismo. 2002, p. 177-188. In: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.) **Nietzsche e Deleuze**: Que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CASSIMIRO, É. S. *et al.* As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade. **Μετάvoια**, São João Del-Rei, n.14, p. 61-79, 2012. Disponível em: < http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf>. Acesso em: 06/09/2017.

CASTRO, E. D. Inscrições da Relação Terapeuta-Paciente no campo da Terapia Ocupacional Contemporânea. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, São Paulo, v. 16, n.1, p. 14-21, 2005. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13954/15772>>. Acesso em: 20/07/2017.

CASTRO, E. D.; *et al.* Ateliês de corpo e arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 22, n. 3, p. 254-262, 2011. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/46431>>. Acesso em: 20/07/2017.

CORBIN, A. A influência da religião. In: CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes. 4ª Ed. 2012a, p 57-99.

CORBIN, A. O encontro dos corpos. In: CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes. 4ª Ed. 2012b, p. 181-266.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012, 144p.

FAURE, O. O olhar dos médicos. In: CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes. 4ª Ed. 2012, p. 13-55.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. 13ª ed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. 8ª ed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 2005.

GÉLIS, J. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: Da Renascença às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 4ª ed., 2012, p. 19-130.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, Pensar e Agir**: Corporeidade e educação. 12. ed. Campinas: Papirus, 2009.

GUERRA NETO, A . Corpo e sofrimento: Buda, Dionísio, Nietzsche. 2002, p. 13-35. In: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.) **Nietzsche e Deleuze**: Que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LIBERMAN, F. **Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional**. 2007. 308 f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

LIMA, E. M. F. A. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 15, n. 2, p. 42-8, mai./ago., 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13938/15756>>. Acesso em: 20/07/2017.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. (7ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

NIETZSCHE, F. W. Assim falava Zaratustra. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala. s/d.

ORLANDI, L. B. L. Corporeidades em minidesfile. Unimontes Pontífica, v. 6, n.1, 2004, p. 43-59. Disponível em: <www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/corporeidade_minidesfiles.pdf>. Acesso em: 06/09/2017.

PLATÃO. **Fédon**. Edição Eletrônica. Acrópolis. Tradução: Carlos Alberto Nunes. s/d. Disponível em: <<https://portalconservador.com/livros/Platao-Fedon.pdf>>. Acesso em: 06/09/2017.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Editora Bestbolso, 2008.

SILVA, C. A. F. O transcendental encarnado: Merleau-Ponty e a Nouvelle Ontologie. Kriterion: Revista de Filosofia, v. 52, n. 123, p. 159-176, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0100-512X2011000100009&pid=S0100-512X2011000100009&pdf_path=kr/v52n123/a09v52n123.pdf>. Acesso em: 06/09/2017.

SILVA, C. R., *et al.* Arte e cultura para a cidadania na Tenda Cultural. In: XVIII Semana de Estudos em Terapia Ocupacional da UFSCar I Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional da UFSCar. 2014. Anais XVIII Semana de Estudos em Terapia Ocupacional da UFSCar I Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2014, São Carlos.

SILVA, C. R., *et al.* Expressões potentes da juventude: cultura e corpo na escola. In: XIX Semana de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2016, São Carlos. **Anais da XIX Semana de Terapia Ocupacional, II Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional e I Encontro de Preceptores do Curso de Terapia Ocupacional da UFSCar**. São Carlos, 2016. v. 1. p. 160-163. Disponível em: <<https://semanaterapiaocupacional.wordpress.com/anais/edicao-atual/>>. Acesso em: 06/09/2017.

SILVA, C. R., *et al.* La terapia ocupacional y la cultura: miradas a la transformación social. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v.17, p.109 - 117, 2017. Disponível em: <

<http://www.revistaterapiaocupacional.uchile.cl/index.php/RTO/article/viewArticle/46383>>.
Acesso em: 06/09/2017.

SILVA, C. R., *et al.* Memória falada: do registro ao acesso às memórias das pessoas em situação de rua. In: XIX Semana de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2016, São Carlos. **Anais da XIX Semana de Terapia Ocupacional, II Simpósio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica de Terapia Ocupacional e I Encontro de Preceptores do Curso de Terapia Ocupacional da UFSCar.** São Carlos, 2016. v. 1. p. 169-172. Disponível em: < <https://semanaterapiaocupacional.wordpress.com/anais/edicao-atual/>>. Acesso em: 06/09/2017.

SILVA, M. L.; GREGORUTTI, C. C. Abordagens corporais: recurso transformador na formação do terapeuta ocupacional. Revista de Terapia Ocupacional da USP, v.25, n.2, p. 135-141, 2014. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/61703>>. Acesso em: 20/07/2017.

SOHN, A. M. O corpo sexuado. In: CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo: As mutações do Olhar - O Século XX.** Petrópolis, RJ: Vozes, 4ª ed., 2012, p.109-154.

SPINOZA, B. **Ética.** Trad. de Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ZERNER, H. O olhar dos artistas. In: CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra.** Petrópolis, RJ: Vozes. 4ª Ed. 2012, p. 101-139.

Ambrosio, Leticia

Devir corpo / Leticia Ambrosio -- 2017.
59f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Carla Regina Silva

Banca Examinadora: Flávia Liberman

Bibliografia

1. Terapia Ocupacional. 2. Corporeidade. I. Ambrosio,
Leticia. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325